

A DIDÁTICA DOCENTE E A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: A AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DOS APRENDIZES.

Márcia da Silva Rolim^{1*} (IC) Everton Bedin¹ (FM) (PQ) marciarolim2010@gmail.com

¹Universidade Luterana do Brasil, Ulbra, Avenida Farroupilha, 8001, Bairro: São José, Canoas-RS, CEP: 92425-900

Palavras-chave: Didática, Participação, Aprendizagem.

Área temática: Formação de Professores

Resumo: Considerando que a didática do professor e a afetividade na relação aluno-professor contribuem para o processo de aprendizagem, este artigo tem por objetivo, a partir de uma atividade de observação de 15 horas/aula em turmas de 2ª e 3ª anos do Ensino Médio, relatar e refletir de que forma a didática do professor e sua afetividade contribuem na formação do aluno enquanto cidadão, a fim de que este logre satisfação em relação aos saberes da ciência química. Ao término, pode-se entender que, mesmo que possa parecer difícil ou controversa hoje em dia desenvolver uma relação amigável dentro de sala de aula, por diversos problemas com os alunos, com a escola e com terceiros, a relação afetiva, a didática, a participação do aluno e os processos de ensino e aprendizagem são fatores que precisam ser aprimorados, estudados e refletidos cada vez mais pelos estudantes de licenciatura.

Introdução e aportes teóricos

Neste trabalho, considerando a afetividade como mecanismo positivo na formação de aprendizes a partir da didática do professor e da participação do aluno em sala de aula, tem-se o objetivo e a necessidade de entender, por meio de observações *in lócos*, como ocorre a formação do professor e a aprendizagem do aluno no ensino de química à luz da relação afetiva entre estes sujeitos. Este tema é um dos assuntos mais refletidos em Educação, principalmente na formação inicial de professores, pois a maior parte dos professores que atuam nas universidades ou àquela que ainda trabalha em escolas não é fruto de cursos de licenciatura, mas de cursos de bacharelado que, geralmente, não formam para a docência e sim para a pesquisa.

Assim, torna-se necessário reconhecer que a formação de professores é um dos fatores mais importantes para melhorar os processos de ensino e aprendizagem da Educação Básica, tornando-se uma ação indispensável e urgente, uma vez que o professor no exercício da docência deve assumir sua responsabilidade sobre sua área de atuação. Tendo o conhecimento específico como propulsor da mediação entre aluno e aprendizagem, o professor necessita possuir um domínio aprofundado deste conhecimento para que possa introduzir o aluno no mundo científico da ciência química e, também, para que se torne um aprendiz crítico e ativo com/sobre os meios.

A partir do objetivo de formar aprendizes capazes de interpretar o mundo científico, vinculando seus saberes ao contexto sociocultural, a relação entre o professor e o aluno, assim como a didática e a afetividade em sala de aula, é uma ação que estabelece mecanismos que qualificam a forma em que estes sujeitos se constituem; logo, tem-se que a afetividade é um processo em construção de

aprendizagem que depende não da relação do conteúdo com o contexto, mas da relação de proximidade e empatia construída entre os sujeitos.

Nesta perspectiva, tem-se que para haver empatia entre os sujeitos é necessário que estes tenham um diálogo próximo, ou seja, é preciso um mínimo de saber por parte do aluno para que este possa compreender o que o professor está explicando/mencionando para, então, conseguir construir um diálogo recíproco durante as aulas. Contudo, hoje o ensino de química em relação à participação do aluno em sala de aula é abstrato, uma vez que é incorporado este componente curricular somente no nono ano do Ensino Fundamental, minimizando o vínculo constituído com o aluno desde sua Educação Básica.

De outra forma, é somente no primeiro ano do Ensino Médio que este componente é oferecido de forma complementar, sendo realizado um histórico significativo sobre o mesmo. Neste cenário, a disciplina de química assume sua identidade científica e, mesmo sendo trabalhadas as principais noções científicas de modo básico, grande parte dos alunos do Ensino Médio encontra dificuldades em compreender e dominar os conteúdos; a estrutura escolar e o desempenho didaticamente, humanamente e profissionalmente dos professores são pontos fundamentais para os processos de ensino e aprendizagem.

Muitos professores que atuam nas escolas não percebem o quão importante são seus papéis na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que se quer ressaltar neste artigo é a importância da formação dos aprendizes a partir da didática do professor e a participação do aluno em sala de aula de forma ativa e crítica, enfatizando a questão da afetividade como mola propulsora deste processo.

A aprendizagem que pode ser arquitetada a partir de conteúdos básicos da disciplina e da didática utilizada para o proliferamento dos conceitos científicos, de forma satisfatória e homogênea, é resultado de uma formação docente de qualidade; quando isso ocorre o aluno atua ativamente e de forma espontânea dentro de sala de aula. Assim, quando professores e alunos estiverem envolvidos emocional e afetivamente no processo de ensinagem, as relações que ocorrem no mesmo podem acontecer de forma prazerosa e harmônica; ambos se sentem pertencentes aos processos de aprender e de ensinar.

Afinal, a relação professor-aluno é uma condição fundamental para ocorrer significativamente os processos de ensino e aprendizagem, pois é esta relação que incentiva e dá sentido ao processo de troca de informação e construção de saberes. A interação do aluno com o professor e vice-versa forma o centro do processo educativo, apesar de estar sujeita a um programa e norma da instituição de ensino. Muitas vezes a relação pode se mostrar em confronto, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturais e de objetivos diferentes; logo, pode-se dizer que existem 2 aspectos importantes na interação professor-aluno: a construção de conhecimento e a própria relação pessoal entre os sujeitos à luz das normas disciplinares impostas.

Sendo a relação baseada na confiança, na afetividade e no respeito, cabe ao professor orientar seu aluno para o crescimento interno, fortalecendo-o nas bases morais, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo de sala de aula, pois os alunos de Ensino Médio são, na maioria das vezes, adolescentes em fases de conflitos interiores e de autoafirmação, tornando-se necessário que o professor se desdobre para poder manter a atenção e a curiosidade destes sujeitos sobre disciplina.

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

A aula não pode ser vista como uma simples troca de conhecimento; é preciso se preocupar com o conteúdo afetivo e emocional que faz parte da facilitação da aprendizagem. De acordo com Libâneo (1994, p. 514), o professor deve ouvir os alunos e não apenas transmitir informações ou fazer perguntas:

Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos ou muito menos filhos. Na sala de aula, o professor com um grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos da aula.

A escola, assim como todas as instituições, passa por uma crise; os alunos não sabem exatamente porque precisam ir à escola; o significado da palavra “estudar”, os índices de reprovação e a violência que existe de tantas formas na comunidade escolar, acabam por transformar a relação do professor-aluno difícil de ser trabalhada e, consecutivamente, assumida. Assim, o professor deixa de preocupar-se com o emocional e afetivo do aluno, passando a dar ênfase apenas ao conteúdo propriamente dito.

A afetividade interfere na aprendizagem e facilita o processo de construção de conhecimento, pois em momentos informais os alunos aproximam-se do professor, trocam experiências e opiniões, relatam ideias e, de certa forma, refletem o que vivem no dia-a-dia, auxiliando o professor na absorção do contexto do aluno; a relação baseada na afetividade é produtiva, pois auxilia professores e alunos na construção de conhecimentos direcionados ao contexto do aluno; logo, “toda a aprendizagem é repleta de afetividade, já que ocorre a partir de interações” (FERNANDEZ, 1991, p. 47).

Uma forma de o professor de química interferir na realidade do aluno, consolidando a relação entre ele e o aluno no sentido de explorar as possibilidades de troca de saberes e construção, ressignificação de conhecimentos, é dialogando e compreendendo os pressupostos e as possibilidades do conteúdo de química que estão presentes na realidade do aluno; a não realização deste processo apenas consolida a existência do hoje na grande maioria das escolas: isolam-se temas transversais e relacionais ao contexto do aluno e atendem-se apenas as necessidades curriculares do componente química.

Desta forma, o professor precisa criar uma maneira de comunicação educativa entre ele e os alunos, buscando meios e caminhos, de acordo com a situação e daquilo que a turma solicita, a fim de colocar os sujeitos à sua própria explicação, cativando de maneira natural os interesses dos alunos e desenvolvendo de forma significativa os conceitos e conteúdos da disciplina. Afinal, Tiba (1998, p. 46), expõe que “ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade”. Assim, de acordo com o autor, o sujeito acaba “associando estes dois atributos”, surgindo “a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade. O espírito aventureiro instiga às descobertas”.

De outra forma, incentivar os alunos a pensar não é uma tarefa fácil para os professores desempenharem e, de certo modo, requer prática, coerência e afetividade. O professor deve possuir habilidades e competências para construir

saberes com os alunos a partir do conteúdo químico, incentivando o aluno ao estudo; precisa estar atento aos alunos. Afinal, de acordo com Libâneo (1994, p. 250):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Outro ponto importante a ser levantado é que o professor entenda a sua autonomia dentro de sala de aula, para que não pareça autoritário a ponto de achar que sua palavra é Lei, pois, assim, acarretará em um distanciamento de afetividade professor-aluno, uma vez que a comunicação é elemento fundamental para a aprendizagem. De acordo com Haydt (1999), na relação aluno-professor, o diálogo é o principal; a atitude dialógica no processo de ensinagem parte de uma questão problematizadora para desencadear diálogo, no qual o professor expõe o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências dos alunos, para que o aluno construa seu conhecimento.

Assim, o docente precisa saber a importância que tem seu trabalho e, de certo modo, mesclar com a afetividade a sua autonomia, resultando em um diálogo com vistas a aprendizagem. Freire (1996, p. 95) explica que é necessário “estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com essa ou aquela pergunta”, mas o “fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa e não passiva, enquanto uns falam e outros escutam”.

Desenho da Pesquisa

Por meio de observações *in lócos*, iniciou-se a coleta de dados em uma escola da rede pública, localizada no Centro-Histórico de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Foram 15 horas/aula de observações em duas turmas do Ensino Médio, sendo uma do 2º ano e outra do 3º ano.

A coleta de dados aconteceu em forma de anotações no diário de bordo, no qual se adequou as anotações em dias e turmas; dividiu-se a folha do diário em duas colunas: 1ª coluna foram os pontos positivos (didática, afetividade, relação de professor-aluno e formação dos aprendizes) e a 2ª coluna os pontos negativos (dispersão, conversas paralelas, etc.). Ressalta-se que desde as primeiras horas de observação e escritas a mão em um diário de bordo, optou-se em avaliar pontos de afetividade na relação professor-aluno e de que modo estes pontos poderiam influenciar na formação dos aprendizes.

Ainda, ajuíza-se que cada dia da semana era um determinado tipo de conteúdo ou atividade avaliativa exposta pela professora, assim, observaram-se pontos a serem considerados de proximidade professor-aluno na avaliação. As observações realizadas e posteriormente anotadas no diário de bordo no primeiro dia serviram como base para o restante das observações, pois a partir delas foi possível perceber a importância dos detalhes de cada método, atitude e relação do professor com o aluno, de aula para aula.

Os dados, posteriormente a coleta, foram analisados e interpretados à luz de teóricos da área, sendo apresentados neste artigo com base no programa Statistical Package for the Social Sciences for Windows. Destaca-se que, como o objetivo foi vinculado a questões de afetividade na relação professor-aluno e como esta impacta na formação do aluno, optou-se em analisar e interpretar os dados de forma geral, ou seja, sem divisão de turmas ou conteúdos de sala de aula.

Resultados e Discussão

Apresentaram-se por meio de tabelas os resultados positivos e negativos das observações em sala de aula. Ao iniciar as discussões dos resultados é necessário lembrar que a relação de proximidade entre o professor e os alunos é fundamental para o desenvolvimento de comportamentos e aprendizagens, influenciando-os na escola e no meio em que vivem seja na comunidade escolar ou em suas próprias casas.

Na escola da rede pública, na qual foi realizado este trabalho, durante as observações, pode-se perceber que a professora sempre expôs com muita clareza a matéria, tirando dúvidas e dividindo bem os seus períodos em conteúdos e exercícios. A didática, quase sempre usando o livro didático da disciplina, o qual serviu como fonte de exercícios e muitos trabalhos em grupos, sendo característica fácil para se trabalhar em sala de aula, era satisfatória a aprendizagem dos alunos.

Quando assuntos diversos surgiam em sala de aula, a professora com muito respeito abria as discussões, já que a maioria das escolas estaduais do Estado veio de uma greve forte e de extrema importância, também para os alunos que estiveram apoiando a causa. Assim, embora fosse diferente e mais aberto o diálogo em sala de aula, a professora atuou de modo transparente, criando possibilidades de aprendizagem por meio da argumentação crítica e da informação reflexiva.

Como diz Paulo Freire (2011, p. 11):

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Ensinar exige liberdade e autoridade, o que era observado em todas as aulas da professora. A professora tinha total liberdade dentro de sala de aula para as conversas com os alunos, para os exercícios e principalmente para os métodos avaliativos, os quais os alunos respeitavam e gostavam. Sua autoridade em sala de aula não foi individual, mas coletiva, podendo passar ao aluno um grau de aprendizagem bom e de grande importância para a formação deste na escola.

Nesta perspectiva, fez-se um quadro para apresentar os pontos de maior destaque durante a aula da professora, pontuando como cada um destes interfere significativamente na forma em que o aluno aprende e ensina e a emersão da afetividade neste processo. Analise a tabela 1.

Tabela 1: Pontos positivos observados durante as aulas da professora.

Pontos a serem considerados	Interferência
Métodos alternativos de avaliação	Avaliação emancipatória; uma forma de validar não apenas o saber memorizado, mas o copiar, o escrever e, principalmente, o socializar.
Relação amigável com os alunos	Afetividade é uma forma de fazer com que o aluno se sinta parte integrante do processo, pois a professora proporciona a participação deste em sala de aula.
Diálogo presente	O convívio e a troca mútua de informações aceleram o processo de aprendizagem e a afetividade entre os sujeitos.
Esclarecer dúvidas	A retomada de conhecimento fortalece a construção de saberes individuais e coletivos.
Livro didático contribuindo na formação dos alunos	Uma consulta diferente da Internet; uma base sólida e contextualizada.
Trabalhos em duplas organizados pela professora	Um ambiente capaz de favorecer a presença do aluno e despertar o interesse pela química.
Divisão dos períodos em aula e exercícios resolvidos em sala de aula	Resolver exercícios em sala de aula é uma forma de validar aquilo que o aluno aprendeu, mostrando-lhe que é capaz.
Revisão de conteúdos de aulas passadas	A retomada de conhecimento favorece a participação ativa do aluno, prendendo sua atenção durante a aula.
O ensinar da professora de modo transparente e de bom aproveitamento para a formação do aluno como cidadão	A relação aluno-professor foi favorecida em todos os momentos, pois a professora estava sempre presente, qualificando a aprendizagem do aluno e aprendendo com ele.

Fonte: os autores, 2018.

De acordo com a tabela 1, dos pontos positivos a serem considerados, observou-se, das maneiras citadas, os métodos que contribuem para o processo de formação do aluno na qualificação dos processos de ensino e aprendizagem a partir de uma relação afetiva entre os sujeitos. Começando pelos métodos alternativos de avaliação, onde os alunos, sem consultar a objetos tecnológicos como o celular, por exemplo, podiam chamar a professora quando necessitassem de auxílio para tirar dúvida.

A relação amigável e o diálogo presente envolviam os alunos e a professora, em ambas as turmas; além de manter o clima bom em sala de aula, a professora conhecia bem os alunos, o que favorecia a relação, por exemplos, a maneira de se comportar em trabalhos de socialização, as dificuldades de aprender determinados conteúdos, as facilidades de auxiliar o colega, dentre outras, as especificidades e singularidades de cada um.

O livro didático foi uma grande ferramenta na formação dos alunos. A professora não passava nada que não fosse consultado no livro, bem como explicações ou conteúdos, e os exercícios em sala de aula sempre eram embasados no livro, ou seja, toda a aula os alunos tinham que trazer o material para consultar e exercitar o conteúdo estudado no dia. As dúvidas gerais dos alunos eram ditas para a turma, e quando um ou outro mostrava mais dificuldade, a professora sentava-se ao lado e explicava cuidadosamente para o aluno não se perde e entender o que foi passado. A ênfase de desenvolver todo o conteúdo embasado e a partir do livro

didático é tida pela professora para que os alunos, em casa e com o material, possam melhorar a aprendizagem ao aprofundarem os estudos por vontade.

A divisão das aulas em passar o conteúdo novo e exercitar o que foi estudado era o principal método de ensino da professora que, além de retomar as dúvidas da aula anterior, fazia uma retomada do conhecimento por meio de uma discussão. O espelho de classe era uma das regras que não se seguia; a professora deixava seus alunos em duplas, fazendo com que um pudesse ajudar o outro. Assim, boa parte da turma resolvia todos os exercícios em sala de aula de forma cooperativa e dialógica.

A didática e os processos de ensino e aprendizagem da professora nas duas turmas foram de extrema importância, pois além dos pontos positivos citados no quadro acima, sua transparência em ensinar e ao mesmo tempo estar próxima do aluno, particularmente, contribuía significativamente para a formação dos sujeitos.

Do mesmo modo que se elencaram os pontos positivos em sala de aula, elencaram-se alguns pontos que merecem maior atenção da professora, aqui considerados como negativos, pois são incidentes que, grosso modo, desfavorecem o desenvolvimento de sua aula. Analise a tabela 2.

Quadro 2: Pontos negativos observados durante as aulas da professora

Pontos a serem considerados	Interferência
Dispersão em sala de aula	Alguns alunos levantavam durante a aula para conversar algo não relevante, dispersando toda a turma e desvalorizando a relação afetiva com a professora.
Alunos que se aproveitam de determinadas situações	A professora tinha métodos em sala de aula que beneficiavam os estudantes, como uma aula só de exercícios e tirando dúvidas, mas isso demandava atenção e disciplina, que em alguns casos uns alunos não aproveitavam essas oportunidades e minimizavam a relação professor-aluno.
Repetentes	Diminuíam a atenção para o conteúdo ao conversarem e/ou badernarem por já saberem o conteúdo.

Fonte: os autores, 2018.

A tabela 2 relata o inverso dos resultados que se deseja averiguar na prática da observação, pois esta apresenta uma parte da turma que, mesmo que pequena, durante a observação chamou muito a atenção da estagiária. A dispersão dos alunos, que é comum em salas de aula, era frequente nas duas turmas.

O pequeno grupo que, de certo modo, se aproveitava das ações, da afetividade e dos métodos da professora era o que mais chamava a atenção negativamente de todos dentro da sala de aula. Este grupo era formado por alunos repetentes; não que isto desvalorize o grupo ou que minimize a presença dele dentro daquele ambiente, mas os alunos, quando questionados pela professora em relação ao comportamento e a aprendizagem, afirmavam que já sabiam o conteúdo e que não precisavam copiar novamente.

Neste cenário, sabe-se que os alunos que satisfatoriamente aprendem são aqueles que avançam nos processos de ensino e aprendizagem, pois contribuem em sala de aula e mantêm uma boa relação com a professora, consigo e com os demais colegas. Ainda, pensa-se nos outros alunos, pois sabe-se que dentro deste ambiente, mesmo que estes se dediquem ao máximo, tendem a se atrapalhar e se

confundir, uma vez que a dispersão, por mais que advenha de um grupo pequeno, chama a atenção e atrapalha o andamento da aula. Diante do ocorrido, a professora, educada, respeitosa e afetiva, dialogou com a turma, não dando ênfase apenas para o grupo de repetentes, a fim de continuar com o bom andamento do conteúdo e minimizar os conflitos e maximizar a qualidade do ambiente.

Conclusão

O principal objetivo deste trabalho por meio das observações foi alcançado, pois se deu ênfase à ação de entender como a prática docente regada com afetividade e a didática docente contribuiu no desenvolvimento qualitativo do processo de ensinagem e na formação dos aprendizes. Todavia, considera-se que o tempo de observação, um pouco mais de 15 horas/aula, não é suficiente para ajuizar concepções e conclusões sobre tamanho objetivo, mas foi significativo para entender como estas ações se moldam e se desenvolvem dentro da sala de aula.

Assim, os principais resultados foram alcançados e confirmados, sendo perceptível averiguar que a relação do professor com o aluno em um viés afetivo se mostrar favorável na formação dos aprendizes em relação a aprendizagens científica e social. Os pontos positivos, mostrados nos resultados e discussão, abordam e confirmam que a didática, seja por meio de livros didáticos ou outros métodos alternativos, ajuda na formação e no processo de ensinar, qualificando a formação dos sujeitos. A afetividade, assim, mostra-se como um ponto forte e importante dentro de sala de aula, coordenando os métodos alternativos de aprendizagem, os comportamentos e os diálogos como ferramentas do trabalho docente.

Ademais, conclui-se que, mesmo que hoje possa parecer difícil desenvolver uma relação amigável dentro de sala de aula, por diversos problemas com os alunos (em casa, na rua ou até mesmo no trabalho), com a escola (estrutura, faltas de verbas educacionais ou até mesmo problemas internos) e com terceiros, a relação afetiva, a didática, a participação do aluno e a qualificação dos processos de ensino e aprendizagem são fatores que precisam ser aprimorados, estudados e refletidos cada vez mais pelos estudantes de licenciatura. Afinal, o futuro reserva mais ataques à educação e os licenciandos, futuros professores, devem saber como atuar perante a nova reforma do Ensino Médio; a afetividade entre o aluno e o professor ajudará na busca e na qualificação pela Educação Pública de qualidade.

Referências

- FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAITD, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. Ed. Ática, São Paulo, 1999.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- TIBA, I. **Ensinar aprendendo**. São Paulo: Editora Gente, 1998.